

A REFORMA.

PROPRIETARIO E REDACTOR—O BACHAREL ANTONIO DE SOUZA RUBIN

ANNO I

As publicações particulares devem vir devidamente responsabilizadas.
Escritorio e redacção—Rua da Gloria n. 18

Theresina, 7 de Janeiro de 1888

Publica-se uma vez por semana

Assinaturas—Por anno 8.000.—Por semestre 5.000.—Pagamento a finalizo

NUMERO 39

EXPEDIENTE

As grandes dificuldades com que temos luctado para sustentar a «Reforma» obrigam nos a pedir aos nossos assignantes do interior que mandem quanto antes satisfazer a importância de suas assinaturas, ou por meio de remessa em carta registrada pelo correio, ou por ordem á pessoa de credito nesta capital, ou por entrega aos nossos agentes nas localidades.

Contamos que não será embalde o primeiro appello que fazemos neste sentido aos srs. subscriptores da «Reforma».

A REFORMA

1.º de janeiro de 1888.

A provincia e o paiz.

Triste legado nos deixa o anno, que vem de expirar:—o lucto das calamidades publicas, e as lagrimas quentes do escravizado.

A provincia e o paiz agonizam n'uma agonia lenta e despedaçadora.—o prolongamento das nossas constantes angustias de dois annos.

Não temos governo regido pela forma constitucional; nunca o tivemos desde que subiu a escadaria de S. Christovam o antigo socio commanditario da casa Mas s. l.

A desorganisação, a anarchia, o esphacelamento, a decomposição, emfim, invadem todos os ramos dos serviços administrativos e o poder executivo, concentrado nas mãos de um só homem, que tudo pode e faz—*pro ratione voluntas*—arvorou-se em arbitro soberano dos nossos destinos, dos destinos annuviados da patria.

A dictadura, até bem pouco tempo disfarçada sob a mascara impudente da hypocrisia do sr. barão de Cotegipe, desvendou-se, ousada e tumultuosa, no momento em que, rumo da Europa, conduzio o «Grande» das plagas da America o filho de Pedro I, o inditoso monarchia a quem negaram o supremo consolo, o direito sagrado de escolher, para repousar *ad semper*, um pedaço do seu imperio.

O paiz lucta com uma divida enorme, assustadora; geme debaixo da pressão onipotente, exercida, em nome da Carta, pelo primeiro ministro de Izabel I; e se o paiz soffre, se está ás bordas do abysmo cavado pela ineptia ou incuria dos nossos homens de estado, se debate-se nas garras do absolutismo que o enerva e cosomme, as provincias, principalmente as do norte, acham-se nas mesmas condições.

Nesta, por exemplo, a divida consolidada e fluctuante sobe a uma cifra consideravel, a bancarrota ruge ameaçadora,

os empregados não têm vencimentos, simplesmente porque não os recebem, os nossos direitos são todos os dias sacrificados á ambição desmedida dos politicos e á subserviencia reles de um creangola insensato e desfructavel, que dorme e sonha com o bolos e quadrilhas, que lhe fornecem os seus aulicos ou amos.

Não citaremos factos. Temol-os citado demasiado. Diremos, entretanto, que as scenas tragicas do Itú, os tumultos de Campos, os *reservados* e as demissões decretadas pelo sr. Viveiros de Castro, offerecem materia bastante para avaliar-se da capacidade burlesca e atrabiliaria do presidente do conselho e do presidente do Piahy.

«Só os observadores superficiaes deixarão de ver q' as circumstancias actuaes são melindrosissimas; que a situação está cheia de incertezas e de obscuridades; que o dia de amanhã apparece sombrio á imaginação de todos e que o horisonte nacional se mostra escuro e empestuoso por qualquer ponto que seja observado».

Em toda parte o vilipendio das normas governamentais, o aniquilamento dos homens e das cousas, o epitaphio das velhas instituições.

Paira sobre o corpo galvanizado da monarchia um luar de morte, o morno luar dos cemiterios.

E' que uma idéa pujante desperta soberana e avoluma-se, minuto por minuto, na grande alma nacional, e n'um dia, que não está longe, no solo da patria livre ha de brotar, embora cimentada com sangue, a liberdade do cidadão e a liberdade do escravizado.

Mas até lá, ó povo de todos os tempos—tantas vezes ludibriado e tantas outras vencedor—has de encontrar-nos na brecha, ao teu lado, ferindo, como sempre, no peito o absolutismo que se ergue por entre os destroços dos nossos diretos.

SOLLICITADAS

3.ª Carta

Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Gomes de Castro.

Não me considere *cacete*, Exm., por que insisto em chamar sua paternal solicitude para o desgoverno do Piahy.

Não tenho motivos senão para ser agradavel a V. Exc. e hei de sê-lo, mágrado o encrespamento dos seus sobrolhos.

Consinta, pois, que volte a fallar-lhe das travessuras do *Chiquinho*, joia preciosa do seu venturoso consorcio, onde V. Exc. acredita rever-se como em espelho de polido aço. Pura illusão, Exm; o *Chiquinho* não segue as pegadas administrativas do seu venerando pae. O *menino* quer brincar, pular, formar seus batalhões de soldadinhos de chumbo, jogar o *louth* com osaios e os bôbos, pegando no *defunto*. Elle gosta de *pegar no defunto*!

Em quanto elle *pega no defunto* os negocios publicos continuam descurados, porque o *menino* não entende patavina de administração, mesmo porque não tem idade para comprehender estas cousas.

Duranta o longo periodo do seu governo apenas fez um regulamento, creando caixas economicas nas escolas publicas, onde os seus *amiguinhos* deverão depositar o vintem ou dez reis, que os paes mettem-lhes nas mãos para bolos!

E' mesmo cousa de creança. Quer proteger a classe privando os companheiros de infancia dos folguedos e das gozoidices, que fazem o encanto da sua idade!

Comtudo elle não dispensa os bolos! Dia e noite farta-se com os *sequilhos* e até os *carirys* sabem-lhe bem!

Pois é verdade, os miseros professores estão agora metamorphoseados em *caixas economicas* dos seus alumnos. Tem a seu cargo a arrecadação dos vintens diarios de 20, 30, 40 e mais discipulos, com a obrigação de fornecer-lhes cadernetas, onde devem escripturar diariamente os dez reaes que aquelles lhes apresentarem!

Miseros professores, que, alem das traquinadas de toda especie dos alumnos, vão ainda supportar as loucuras da creança presidencial, que fel-os thesoueiros dos dez reis diarios dos seus congeneres.

Apezar d'isso, exm. o *maire* de palacio e osaios de *Imperial Camara* batem palmas, asseverando que o nosso *Chiquinho* descobriu a pedra philosophal do systema financeiro!

Ao passo que elle assim procede em proveito dos interesses dos collegas e companheiros de folguedos, deixa de pagar os vencimentos do pessoal docente, sobrecarregado com o trabalho de arrecadar e escripturar diariamente os reaes dos alumnos em tantas cadernetas quantos forem elles, trabalho mais que sufficiente para roubar a um homem, medianamente activo todo o tempo util que o professor deve applicar ao ensino das materias de estudo e á fiscalisação da aula e dos discipulos.

Os cofres provinciaes continuam tisticos; o funcionalismo publico reduzido a mais extrema miseria, atrasado, como se acha na percepção dos seus exiguos vencimentos.

O thesouero deve-lhe oito e dez mezes, allegando falta de numerario.

Temos lei auctorisando o governo a emitir Rs: 50:000\$000 em apolices para occorrer ás urgencias do thesouero.

Os professores publicos já se satisfiziam com o pagamento dos seus vencimentos em apolices, mas o *nhônhô* presidente mandou-os bater ás portas da uzura, atados de pés e mãos com o seu indeferimento.

Quem tem *bolo á farta* não conhece os effeitos da miseria, que mirrada como a morte, sitia a habitação do pobre.

O sr. seu filho, pois, Exm. arvorou o calote em systema de governo.

Já constou a V. Exc. que sacco vasio se possa sustentar em pé?

Só o *Chiquinho* era capaz de sustentar semelhante paradoxo.

Sem comer ninguém pode trabalhar. Só aquelle *menino cabeçudo*, aquelle *meninatura* de homem, pensa de modo diverso.

A fome, estou certo, ha do fazer dos professores *Caixas* concussionarios.

Entre a crispação do estomago e a honra temos o—*serva te ipsum*.

Deus permitta que os professores comam os dinheirinhos dos bolos dos *meninos*.

V. Exc. sabe mui bem que a occasião faz o ladião.

Eu desejo que assim succeda porque o Thesouero pode dever-lhe os vencimentos com que contavam para a despeza de cada dia, obrigando-os a vendel-os por metade e menos de metade, desgraça tão grande como a propria miseria, com tanto que esse Thesouero não seja sobrecarregado com o juro modico dos precisos emprestimos!

Onde está, portanto a fé dos contractos e onde irá parar o credito da primeira repartição publica da provincia?

Perca-se tudo, menos a honra. Esta devia ser a maxima de quem tem os destinos da provincia nas mãos; porem assim não succede porque o nosso *Chiquinho* não tem orientação; parece mesmo desconhecer o valor do credito da provincia.

V. Exc. deve mandar applicar as artes mechanicas, á agricultura ou mesmo ao commercio. Não se viva somente do *emprego* de Presidente.

O pequeno é mesmo desasado, Exm. o tem espatifado por tal forma o seu partido, que, parece, teve a missão de fazer dos conservadores o—*Campus ubi Troje fuit*.

No 2.º districto steou o incendio da discordia, que lavra intenso soprado pelas auras do poder, como já disse em minha anterior.

E' preciso destruir os elementos politicos do seu immediato representante na camara temporaria, ainda que o partido no districto fique reduzido, aniquilado para muitos annos.

Em Oeiras, em satisfação aos odios do dr. Demosthenes Constancio Avellino, representante genuino do dr. Coelho Rodrigues, apesar de ser republicano e tudo o mais que o seu genio versatil annuncia em pequenos intervallos, decretou a suspensão administrativa do juiz municipal o illustre sr. dr. Sesostris Silvio de Moraes Sarmento, pretextando a falta de resposta a um pedido de informação, que o honrado magistrado promptamente ministrou, provando com documentos irrecusaveis ter sido a mesma subtrahida do correio do afamado e apregeado administrador, coronel Francisco Mendes de Souza, que, depois que obteve a carta de honrado, sobrapuja quantos lhe cahem nas garras.

A despeito do digno sr. dr. Sesostris se haver justificado plenamente da supposta desobediencia, continua suspenso, como se o *pequeno* tratasse com algum carcereiro ou inspector de quarterão.

Não ha duvida que o *Chiquinho* carece de senso e assento de homem.

Se elle tivesse criterio, se fosse um *menino* reflectido e cordato, conheceria

melhor o valor de um acto de tanta gravidade e não se prestaria a pratical o por insinuações perfidas de amigos desleaes.

Quem não é leviano e acessivel ás intrigas de resposteiros, não fere com tanta facilidade o nome e a posição de um collega encanecido no serviço publico.

Se V. Exc quer *per fas e per nefas* manter na presidencia do Piahy o nosso *Laponiosinho* dê-lhe por adjuncto algum homem circumspecto e prudente. Lembre-se, Exm., que os governos serios, bem intencionados, não desperdiçam o tempo com essas pandegas eternas, com essas comezanas de bôlos, com esses desvarios politicos de corrilho, que tem servido de norma á administração do sr. seu filho.

Mais consideração aos homens de senso e mais respeito aos direitos adquiridos.

Beija as mãos de V. Exc. o fiel e dedicado subdito

O velho Gonçalo.

Em 31 de dezembro de 1887.

Contra Protesto

Lendo o «Telephone» n.º 236 de 10 do corrente nelle deparei com um protesto assignado pelos senhores Severo Campello da Fonseca, Dorotheo Campello da Fonseca, Florencio Campello da Fonseca, Manoel Campello da Fonseca, e Antonio Campello de Mello, contra o acto deste juizo que fez expedir mandado para que o primeiro d'aquelles signatarios, em cuja posse se achavam os bens do patrimonio da imagem de S. Benedicto, do Corrente, d'este termo, viesse a juizo dar a descripção os bens pertencentes ao mesmo patrimonio, que, conforme é publico e notoriamente sabido, tanto neste como nos termos circunvisinhos, tem sido doado pelos fieis que elevam ali suas preces em homenagem ao referido Santo.

Dizem os protesiantes que assim procedem este juizo «de accordo com o vigario da freguezia padre João Manoel de Almendra e outros.»

Em abono da verdade, declaro que até então nunca tive sequer conversação alguma relativamente a tal assumpto com o reverendo padre João de Almendra, ou com qualquer outra pessoa, como maliciosamente affirmam os signatarios do mesmo protesto.

O moel que deu lugar ao meu acto está patente, e é simples; foi uma representação do escriptão interino de capellas e residios, e que se achava junta aos respectivos autos.

Dizem mais: «que a imagem de S. Benedicto foi collocada, desde tempos im-

memoriaes, pelos pais e antecedentes dos abaixo assignados, em uma casa de oração, que edificaram em terras nossas, sem forma exterior de templo para seu uso particular. Esta casa foi construida pelos pais dos protestantes. Era de palha e depois por causa de um incendio foi feita e coberta de telhas.»

A esse topico do protesto respondo que antes de edificar-se a casa alludida já para ahí se dirigiam, em romaria, os fieis, afim de festejarem ao sr. S. Benedicto e, em consequencia da grande concorrência do povo, houve depois até missões, não deixando os vigarios desta freguezia de lá ir todos os annos, onde se demoravam muitos dias, ministrando os sacramentos a suas ovelhas.

Sempre tiveram o caracter publico as festas religiosas do Corrente, e para uzo publico foi edificada a casa de orações, que existe nesse lugar, nada importando não ter ella forma exterior de templo.

Alem disso, do facto da construção d'essa casa, tal como a explicam os protestantes, poder-se-ia concluir com fundamento que não fosse ella edificada com o producto das esmolos dos povos? De certo que não.

Acresce que, se ella tivesse sido edificada sómente com o dinheiro dos pais dos protestantes, maior seria actualmentemente o patrimonio da Imagem, comprehendendo em dinheiro e mais bens o producto de todas as esmolos feitas pelos fieis desde tempos immemoriaes.

E' de admirar que apenas se queimasse a casa consagrada a S. Benedicto edificassem os paes dos protestantes, para substituil-a, uma outra de telha, á sua custa, quando é certo que jamais construíram casa de telha para moradia propria, apezar de se haver incendiado, por duas ou tres vezes, a de palha, em que residiam.

O que se deve pois concluir d'ahi é que o honrado capitão Zacharias Campello da Fonseca, de saudosa memoria, seguia os dictames da sã consciencia de que era dotado.

Tendo em seu poder dinheiro do Santo nutrio a ideia de preparar-lhe uma casa melhor e com o auxilio dos devotos, reunido á estes dinheiros, pôz em pratica sua leuavel ideia, fazendo edificar a que ainda hoje existe.

Por sua morte, seu filho Antonio Campello da Fonseca, tamcoem já fallecido, seguindo o recto caminho que trilhava seu pai, passou a zelar, como elle, o patrimonio da imagem e applicar os seus dinheiros em obras uteis a mesma, o que não tem acontecido com os seus successores na administração do dito patrimonio.

Dizem ainda: « não existe titulo do

qual conste ter sido doado a pessoa alguma ou que selhe houvesse dado caracter publico.»

Se o patrimonio se fez com dinheiro dos fieis, e não com o dinheiro exclusivamente dos antepassados dos protestantes nada importa a falta de um titulo ou documento desnecessario.

Tambem nenhum existe que mostre ser elle de propriedade dos protestantes, accrescendo a isto que tendo havido dois inventarios de partilhas por morte do pai e mãe de alguns dos protezantes, estes não se animaram a dar á descripção a referida casa, e os demais bens que montam necessariamente em quantia muito superior a um conto de rs.

Ora, se taes bens pertencessem áquelle casal é evidente que não deixariam de ser descriptos.

«Assim os abaixo assignados protestam contra o esbulho que se lhes quer fazer d'uma casa q' é sua e no recinto da qual descaçam restos mortaes de pessoas que lhes são caras.»

E o que não dirão os fieis que concorreram com as suas esmolos para a criação do referido patrimonio? Só tirando-se tudo a limpo por meio de provas irrecusaveis se chegará a evidencia tornando-se patente a verdade sobre tão importante assumpto, que a todos em geral interessa e não somente pelo simples dito dos protestantes.

Ali tambem descaçam os restos mortaes de pessoas de outras familias, e de cada uma de suas sepulturas recebe-se a *minguada quantia de cincoenta mil reis*

A ser pois, como pretendem os protestantes, a casa de S. Benedicto de sua exclusiva propriedade, não haveria meio de vida melhor.

«Protestam estribados na lei e no direito (1) e garantem que estão dispostos a manter sua propriedade contra a qual ninguém pode attentar por simples capricho.»

Bom modo este de fazer direito e leis a seu talante.

Desejo mesmo que se achem bem dispostos a tentar contra a propriedade do glorioso senhor S. Benedicto embora contra todos os principios de direito e a vontade d'aquelles fieis, que concorreram com suas esmolos para um fim e agora veem que tem tido outra applicação mui differente.

«Não entram os abaixo assignados em demonstração de seus direitos porque não é tempo.»

Entende este juizo que é este o tempo e nem haverá melhor oportunidade.

«Lavram este protesto tendo a razão e a justiça ao seu lado, e estão dispostos a não ceder uma linha de seus direitos.»

Isto é uma offensa feita á razão e á justiça. Para sabermos de que lado está

ella não é bastante correr-se para as columnas de um jornal e nesse escrever-se todas as bravatas que suggere a mente. Contraprotestado, portanto, como ficam os pontos capitaes do alludido protesto, previno aos protestantes de q' agora mesmo entramos nas provas dos factos e veremos depois de que lado está a razão e o direito.

Humildes, 27 de Novembro de 1887.

Matheus Leopoldo de Souza Pereira

2.º supplente do juiz de capellas e reiduos.

O COLLECTOR DA AMARRAÇÃO.

Perseguido pelo actual collector da Amarração, Clementino Pereira de Souza, genro do muito conhecido Domingos Aozelmo Fontenelle, e não podendo soffrer mais tantas vexações de um tal collector, que recebe em tempo que permite a lei a collecta de 20 crias, que dá á fazenda, e lança em 50 beserros; manda passar termo de multa de 50,000, que nunca cobrou, pur se tirar de uma fazenda seis bois onde não ha um agente que logo receba esse imposto, e mandando-se pagar na Amarração protesta não receber o imposto, por ter remetido o termo de multa; fazendo-se tudo isto por suggestões de seu sogro, de seu tão conhecido tio Francisco Elias Fontenelle, e alguns mais do mesmo jaez, e só porque o abaixo assignado patrocinou uma causa justa contra um cunhado do tal collector.

Promova, sr. collector, os interesses, de seu termo, como lhe compete, mas, não faça jogo do seu cargo por intrigas mesquinhas.

Peço ao exm. presidente da provincia do Piahy e ao dignissimo inspector da thesouraria provincial providencias contra os abusos, e extorsões que, em nome da lei, está fazendo o actual collector da Amarração.

Granja, 10 de Novembro de 1887.

Sergio Porfirio da Motta.

Ao publico

Desde o dia em que deu-se o grito de alarma contra o deputado do 2º districto, o illustrado e popular dr. Coelho de Resende, que como seu amigo de muitos annos e conservador que presa a ordem e pujança do partido, a que elle e eu pertencemos, adheri á sua causa por me parecer a mais sympathica e a que se prende aos interesses do partido e da provincia e com grande dignidade e civismo tenho collocado-me no meu posto de honra, pretendendo cabir ou erguer-me com elle nas luctas que se offerecerem.

Assim procedendo, creio que tenho

rou em pleno peito do velho Ximenes, que nessa occasião tomava a ultima pitada das do dia.

A confusão foi medonha. O dr. Licinio immediatamente apitou e o capitão Serafim desembainhou a duridana e poz-se em guarda, em attitude bellicosa. Reunio-se a força, os soldados fiseram um circulo em roda de s. exc. que dizia em voz alta:

«Não foi nada! Foi um encontro casual.

Os animos se serenaram e o conego Thomaz, que já trepando no altar para abrigar-se aos pes de N. S. das Dores, voltou prasenteiro e começou a passear com as mãos pelas costas de uma a outra extremidade do alro. S. exc. perdeu a graça do leilão e retirou-se completamente andré. Felizmente um balão ia subindo e tudo ficou por conta deste. Eu, como membro forçado da companhia, puz-me de pé, um pouco arreitado, de braços cruzados, olhando fixamente o balão, que corria no espaço. Meu pensamento o seguia desafogado das miserias terrenas, quando s. exc. murmurou:

«Vamos, Monteverde.

Voltei á realidade da vida e mais dura se me tornou a contemplação do aviltamento desses cortesões que nos cercavam. S. exc. principiou a passear fallando alto. Nós o seguimos com passo destrahido e pesado. Isto durou algum tempo, até que, já deserta a igreja, nos retiramos. S. exc. instou commigo para que fosse a palacio tomar chá; mas esquevi-me declarando que o chá me tirava o somno. Prometti, todavia, acompanhá-lo ao bulte da Ass-mbléa que teria lugar alguns dias depois, o que fiz, como verá o leitor do seguinte folhetim.

Eu escrevo isto sem pretensão alguma a não ser a historica, porque estas linhas serão tudo, menos talsas. S. exc. a quem louvo, é a melhor testemunha da sinceridade com que exponho os factos.

Alberto Monteverde.

FOLHETIM

UMA NOITE PELO ALTO.

Alguns dias depois, recebi um cartão de s. exc. me convidando para em sua amavel companhia, ir á novena das Dores. Com quanto me houvesse enjoado profundamente o que vira, não pude faltar-me ao convite presidencial e ás 7 horas da noite entrei em palacio. Na sala estavam dois ou tres senhores conversando animadamente sobre o conselho do Pedro Lima. A minha entrada calaram-se, o que me enfiou. S. exc., porem, logo que me vio assomar á porta, levantou-se corcêando, com aquelle seu riso apavilhado e andré e me tomando a mãos nas suas mãosinhas, arrastou-me para o sofá, onde me sentou a seu lado, cobrindo-me de cumprimentos e de censuras porque não apparecia. Eu me desculpei allegando incommodos da saude, o calor, mil affazeres. S. exc. acreditou nisto, por que tratou de outros assumptos com aquella volubidade infantil que torna a sua conversação aborrecida e desagradavel. A proposito de não sei que nos disse que se correspondia com Oliveira Martins, um vulto proeminente nas lettras portuguezas, accrescentou. No meio de seu discurso, recitado em pé, com as mãosinhas nos bolsos das calças, s. exc. virou-se repentinamente para um senhor que estava a seu lado:

«Gabriel, dá-me um dos teus cigarros, pois os meus ja se acabaram. O Gabriel que é um sujeito baixo e de grandes sobranceiras, servio a s. exc.; mas não teve a delicadeza de offerecer um dos seus cigarros á mim.

«No Maranhão só fumo charutos de 200 mil reis a caixa.

O dr. Licinio, arregalou desmesuradamente os olhos. S. exc. continuou:

«Os charutos de menos de 200 mil reis são intragaveis.

«Mas os bahianos da Cardoso?

«Nem me falle nisto.

«Duzentos mil reis por caixa! resmungava o dr. Licinio.

«Acha caro? Pois não é. Demais o que eu hei de fazer com os cem contos que ganho na minha banca?

«Com contos! fez o dr. Polidoro pondo as mãos devotamente.

«Todos os annos os recebo. Meu pae faz na banca delle cento e tantos á duzentos, não entrando o subsidio de deputado.

O dr. Polidoro estava pallido e offegante, a semelhança do Rodin ao abocanhar a cobigada herança do celebre romance de Eugenio Sue. Pela frente do velho propheta rolavam bagas de frio suor.

O presidente, sem dar pela commoção violenta, que abalava o velho advogado, seguia em sua marcha triumphal, fazendo o inventario maravilhoso das suas riquezas e venturas. N'um canto o dr. Licinio murmurava, como um estribilho forçado, o prego das caixas de havanos.

Mas sahimos em demanda das Dores, onde chegamos em breve. A noite estava esplendida, o luar magnifico, a temperatura soffrivel. A igreja, repleta de fieis, apresentava um aspecto festivo e alegre. Entramos pelo lado opposto a capella mór e s. exc. collocou-se a frente, no meio de algumas mulheres do povo. Tirou um leque do bolso e poz-se destrahidamente a abanar-se, dando ao seu riso forçado uma certa feição meiga, que mais alvar o tornava. Correndo a vista de um para outro lado com certa ostentação e pedantismo, s. exc., sempre rindo-se, ora cochichava com seus amigos, ora com outro, causan-

do verdadeira surpresa a todos, pois era de esperar, ao menos nos actos religiosos, alguma circumspecção da parte de s. exc. Eu suava de vergonha vendo o elevado cargo de presidente de minha provincia natal tão rebaixado.

Por fim sahimos da igreja e s. exc. dirigio-se para junto de uma mesa recheada de objectos, onde se ia proceder um leilão em beneficio da Santa.S. exc. acercou-se, examinou os bôlos, fructas e doces; pegou n'umas caixinhas de segredo, cheirou uma flor e collocou-se de um lado, dando lugar a que o velho Pedreira começasse o seu officio gratuito de leiloeiro sagrado. S. exc. mandou deitar em praça um frasco de doce e gritou com todas as forças dos seus pulmõesinhos:

«Cinco mil reis, para o dr. Licinio.

Reinava geral silencio. A carinha redonda de s. exc. estava mais alvar e risonha. Ninguém cobrio o lance e s. exc. para ver se animava a pandilha gritou:

«Seis mil reis para o dr. Licinio.

O major Firmino Pires murmurou ao ouvido do dr. Gabriel:

«Cubra o lance, sinão o presidente repara.

«Porque voce não cobre?

«Eu não sou d'aqui, retrucou o invicto major.

Eu ouvia isto penalizado e pensava de mim para mim se tivesse n'alguibeira 10 mil reis não deixaria s. exc. passar pela vergonha que passara. Afinal o Pedreira bateu e entregou o frasco ao dr. Licinio, o qual offereceu-o á Santa e bradou gravemente:

«Tres mil reis para o sr. presidente.

O velho Pedreira repetiu:

«Tres mil reis para o exm. sr. Presidente

Um menino gritou:

«Tres mil e quinhentos para não ser para s. exc. Nisto um rapazinho do povo deu um forte empurrão em s. exc.; que foi de ventas e abal-

comprido o dever que está imposto a todo o bom conservador.

Se não sou o Pelopidas de que fala a «Reforma» serei o fiel e dedicado soldado que cura as feridas do general ferido em combates successivos em defesa das suas fileiras e da patria.

Sirvam estas linhas de protesto aos dizem dos novelheiros que por ahi andam a cata de novidades.

Jugurtha Couto

Ao major Jeremias Mel- lo convida o abaixo assignado a vir ajustar e liquidar suas contas em prazo breve.

Theresina, 3 de Janeiro de 1888.

S. Coelho de Rezende.

Reclamação Justa

Do sr. presidente da camara municipal e respectivo fiscal chama a attenção para o prejuizo que causou um cachorro do sr. capitão Francisco Ribeiro Soares, solto na rua e atacando a todos quantos passam.

Um meu filho foi ha poucos dias victima dessa fera que tem accommettido a muitas pessoas, e continuará a causar irreparaveis males, se a illm^a. Camara não tomar medidas serias em ordem a contê-lo.

E' incrível que dentro de uma capital tenha-se das ruas publicas uma fera de tal ordem.

Aguardo as precisas e urgentes providencias.

Theresina, 25 Dezembro de 1887.

João Teixeira de Souza.

—x—

Lamentações.

Sou propheta, não me engano;
Tenho o dom da presciencia
Este centro, em que metti-me,
Me tortura a paciencia.

Para servir á contento
Aos amigos do sobrado
Fui infiel, desleal,
A um amigo dedicado.

Mal haja o dia infeliz,
Mal haja o infeliz ens. j.,
Que fez-me da classe humana
Passar a de perseverjo

Jeremias

Parnahyba

PROPALA-SE:

Que, tendo o Franklin Veras, da Parnahyba, reconhecido o despenhadeiro em que se collocou e a certissima derrota que experimentaria como candidato á deputação provincial, mudou de tactica e quer agora fazer de enjo Custodio, cedendo espontaneamente o seu lugar na chapa ao illustre Dr. Rezende;

Que o Dr. Theodoro Pacheco, ao ver arvorar-lo em mensageiro de paz o futuro Barão e Coronel tudo in feri, ha de repetir com os seus bolões: «quem não o conhecer que o compare»;

Que esta lembrança de ceder uma candidatura problematica ao Dr. Rezende, deputado eleito por estrondosa maioria, não passa de um pretexto frivolo do Barão para encobrir a vergonhosa derrota n'aquelle collegio, que elle suppunha ter ch-lo na mão;

Que com este torpe manejo suppõe elle ficar bem com Deus e com o diabo, fazendo-se das pernas grossas, affectando importancia que não tem e querendo incutir no animo dos parvos que tem prestigio para harmonisar o partido;

Que com estas voltas e reviravoltas, porém, só uma coisa pode provar—a volubildade de seu character e, emfim, que é um traça-fitas incapaz de cousas serias e com quem ninguem pode contar;

Que assim deve pensar o centro onça, a quem elle se entregara de corpo e alma, prometendo mundos e fundos contra o Dr. Rezende, de quem outr'ora se dizia creatura, e hoje (que irrisão!) diz-se protector, inculcando prestar-lhe um favor desistindo do seu lugar na chapa para o mesmo;

Que o Dr. Rezende, conhecendo as intenções do nosso heroe, deve agradecer este presente de gregos e indicar-lhe o caminho dos traidores;

Que os rezendistas da Parnahyba estão sequiosos por mostrarem ao chefe por decreto a

conta em que o têm, reduzindo-o ás suas justas proporções, pondo-o em mangas de camisa e a caldos de gallinha;

Que, afinal, o homem não sabe com quem fica, si com o centro, si com o Dr. Rezende, a semelhança do viajante do celebre rifão popular, que repetia n'um lance arriscado como o em que elle actualmente se acha: *Deus é bom e o diabo não é mau;*

Que o Dr. Theodoro Pacheco, vendo dar ás de Villa Digo, de um modo tão vergonhoso, sem que as baterias rezendistas tivessem ainda disparado um só tiro, o homem a quem confiou as dragonas de coronel, deve ficar sinceramente arrependido;

Que isto succede a quem confia nas bravatas do hespanhol-afrancesado;

Que os rezendistas, da Parnahyba, vendo o bicho em tão furiosa delandada, só lhe pedem, que, si quer saber de quantos pés se faz uma cangalha, que retire o seu nome da chapa sob pretexto de favorecer ao dr. Rezende, que não precisa e dispensa os seus favores;

Que sabendo ter o coronel Gervasio seguido para ahi, á ver se conseguia a união do partido, o nosso heroe passou-lhe telegramma dizendo que esperasse...

Que o coronel Gervasio, homem de outra tempera e de merecida e grande influencia, ha de ter sorrido-se com a audaciosa pretensão do dito cujo de com elle querer hombrear-se quem talvez nem com o proprio voto conte;

Que os homens serios e reflectidos hão de observar ao bicho que melhor alliança fará elle com o Lopes das Barras, pois são ambos pés da mesma fôrma.

PAGINA CONSERVADORA

Reacção infrene.

O sr. Viveiros de Castro iniciou a derribada dos conservadores do 2.º districto da provincia, que tem tido o civismo de repellar as propostas de corrupção e venalidade feitas por s. exc. *passoalmente*.

Se o moço presidente sempre foi d'uma ductilidade pasmosa nas mãos dos seus directores, hoje é alguma cousa mais, porque é um *Lyra*, que, depois de uma noite de dança e uma fartada de bôlos, presta sua assignatura disercionariamente a tudo quanto surge á mente dos poucos individuos que o sequestraram e o trazem enervado com passatempôs adequados aos jovens de sua idade.

Temos o governo dos *maíres*.

No numero seguinte começaremos a lar ao publico e ao governo geral noticia do modo porque o sr. Viveiros de Castro vai se arrastando, atado aos judas que o dirigem na provincia.

A primeira victima do furor impotente do sr. Castrito contra o dr. Coelho de Rezende, foi o nosso distinctissimo amigo, capitão Raimundo Mendes da Rocha Medeiros, promotor publico de Pedro 2.º, que, chamado por s. exc. á esta capital a em do serviço publico, repelliu a proposta de traição contra o seu dedicado amigo, que o moço presidente fizera-lhe nos mais vantajosos termos.

A segunda victima foi uma senhora distinctissima, esposa virtuosa do nosso importante amigo, capitão Antonio Luiz Pereira, que ali exercia o mesquinho emprego de agente do correio.

Como já dissemos, no numero seguinte occupar-nos-hemos detalhadamente da reacção que o sr. Viveiros de Castro abriu contra os conservadores do 2.º districto.

Demonstração de apreço

Os abaixo assignados, eleitores deste municipio, possuidos do mais sincero jubilo, vêm manifestar ao illustrado e distincto deputado á Assembléa Geral pelo 2º districto desta provincia, exm. sr. dr. Simplicio Coelho de Rezende, as expressões do seu sincero agradecimento pela brilhante posição que tem assumido no seio da representação nacional, defendendo os amigos censurados no senado e fazendo o que lhe era humanamente

possivel pelo engrandecimento desta provincia, a que s. ex.^a liga grande amor, correspondendo deste modo á confiança do partido que o elegeo e dos amigos que o admiram e idolatram.

Digne se, pois, o honrado e popular deputado piahyense acceitar as nossas palavras como uma pequena e justa prova de gratidão á sua sympathica pessoa.

Barras, 4 de dezembro de 1887.

OS ELEITORES,

José Olympio de Mello, Francisco Carvalho de Oliveira, Antonio Carvalho de Almeida, Silvestre Tito Castello Branco, Antonio Gomes da Silva, Alexandre Carvalho de Almeida, João Baptista Lopes, Liberalino Baptista Lopes, Germano de Arango Lima, Joaquim José do Rego, Benjamim José Constante Wanderley, Antonio Fortes Castello Branco, Delfino Francisco Bispo de Moraes, José Alexandre de Carvalho, Raimundo Nonato da Silva, José Reinaldo da Silva, João Lopes de Sant'Anna, Francisco José do Rego, Estevão Teixeira de Carvalho, Francellino José Gomes, Antonio Lopes de Oliveira.

Deixam de assignar muitos outros eleitores que como nós se manifestam por morarem muito distante da villa.

GAZETILHA

TELEGRAMMAS

Da *Gazeta do Norte*.

Recife, 17 de dezembro.

Falleceu o barão de Tacaruna.

Rio, 17.

Installou-se em S. Paulo a Associação Libertadora e organizadora do trabalho, com a assistencia de grande numero de fazendeiros. Os conselheiros Antonio Prado e Leoncio de Carvalho manifestaram o pensamento de libertar a provincia até dezembro de 1890. Foram proclamado livres 6.230 escravos com obrigação de serviços, para alguns por tres annos, para outros por um anno.

Rio 20.

A eleição de deputados provinciales por S. Paulo deu o seguinte resultado: 19 conservadores, 13 liberaes e 2 republicanos.

O visconde de Tamandaré foi nomeado conde por occasião de completar 80 annos de idade, e em recompensa de 65 annos de serviços prestados á marinha.

A nomeação foi acompanhada por uma carta muito lisonjeira de S. A. a Princeza Imperial Regente.

Bahia, 20 de dezembro.

Os resultados, até agora conhecidos, da eleição de deputados provinciales são favoraveis aos liberaes.

Paris, 15.

Pelo juizo competente foi proferida sentença julgando improcedente o processo instaurado contra mr. Wilson.

PAGINA CONSERVADORA.

O redactor e proprietario desta gazeta cede, de hoje em diante, por accordo previo, uma pagina da *Reforma* ao dr. Coelho de Rezende, onde o mesmo poderá defender os interesses politicos, seus e dos seus amigos, pela forma que melhor lhe convier, sem dependencia da redacção, e sem que esta tome, de forma alguma, a responsabilidade do que for publicado na competente secção.

TRAÇOS E FACTOS

(*Gazeta Nacional*)

O Sr. presidente do conselho, homem de tempera incontrastavel, a quem jamais puderam entristecer os golpes da desventura, interrompendo o riso caracteristico de sua superioridade, tem n'este momento as feições alteradas.

S. Ex. soffre. De sua pupilla humedecida está pendente uma lagrima.

E ha quem diga que S. Ex. não tem coragem!

O papel que S. Ex. acaba de ler e conser-

va amarrado entre mãos está banhado de pranto.

Esse papel, que vem surprehender o que ha de humano em S. Ex., traz, sem duvida, alguma noticia má.

Trata-se da morte da bezerra, talvez.

Não é precisamente porque a bezerra tenha morrido que S. Ex. chora.

Aquelle papel é um relatorio do Piahy, que é assim uma especie de dependencia do Maranhão, de onde nesta situação têm sabido os administradores daquella provincia.

O actual é da dynastia dominante no Maranhão e só «par droit de naissance» foi sagrado vice-rei da capitania visinha.

Cavalgando o rocim presidencial, o filho do Sr. Gomes de Castro escreve umas lamurias muito requebradas, muito sentidas, ao chefe do gabinete 20 de Agosto e temos ahi debulhado em pranto o velho estadista sempre ri-sinho e jovial.

E' que a foice implacavel desta vez é vibrada por mão certa. Empunha-a o juvenil presidente do Piahy que tem na voz a commoção dos momentos solemes em que é força, por não faltar aos deveres da chapa, abrir as torneiras da sentimentalidade.

Diz o filho do Sr. Gomes de Castro:

«Tenho sido de uma economia rigorosa.

Receio entretanto que o L'esouro não possa fazer face ao pagamento das despesas mais urgentes, tal tem sido o decrescimento das rendas publicas.

E o que mais me contrista é que não posso alimentar esperanças lisonjeiras de um futuro mais prospero.

O Piahy é uma provincia de vasta extensão territorial, mas sem população, sem commercio, sem lavoura, tendo como unica industria a criação de gado.

Houve um tempo em que a provincia prosperou: era quando negociantes do Maranhão e Ceará vinham aqui abastecer-se de gado. Mas hoje... (supprime-se aqui o enxerto) estas provincias tem gado.»

E rolam as lagrimas desde as terras incultas do Piahy até o conselho de ministros.

Ali o Pão de Assucar parece tambem chorar.

O Sr. presidente do conselho de ministros medita Rannina idéas funebres ou a farandola da Filha do Senescal.

Nisto S. Ex. levanta a fronte, solta um suspiro e por entre uma risada de desabafo, larga e repicada, o velho estadista a quem jamais puderam enristecer os golpes da desventura, diz resoluta e ironico:

«Chora longe a guariba em altos páos!»

S. Ex. ri. Foz bem. Fôra sentimentalidade!

J. F. GROWELL.

QUE DEBIQUE!

Referindo-se ao sr. Viveiros de Castro diz a *Epoca* de 22 de Dezembro:

«D'emo q' o homem que na *Athenas* brasileira, como é conhecida a capital do Maranhão, passa por um dos mais brilhantes talentos da mocidade actual, e o é com effeito, tornando-se notavel pela vastidão de seus conhecimentos litterarios e juridicos em relação á sua idade, aqui, na capital do Piahy (que vergonha!) é tido por alguns corpúsculos microscopicos como um *cretino* na extensão da palavra!»

Não sera isto Zoilo criticando a *Humero*? Não é um signal evidente do atraso dessa gente?»

E' o caso de dizer se—tomaram o pulso do pobre moço e abusam sem piedade da sua proverbial *modestia e ingenuidade!*

«Malvados!»

Codillo

D'z a *Imprensa*:

«O sr. capitão Manoel da Paz acaba de passar pelas forcas caudinas:

O novo contracto com a companhia creou um lugar de fiscal que foi destinado á s. s. segundo era corrente nesta capital; mas *alguem* o pediu para o sr. Narciso Santos e este acaba de ser nomeado! Nem com os seus melhores amigos tem o sr. Castro lealdade. Saberá por ventura o sr. Paz que partido d'aqui um telegramma pedindo esse lugar, que ja lhe estava destinado, para o sr. Narciso? Teria s. s. sciencia do telegramma que trouxe essa noticia, aqui chegado ha 15 dias? E não se *alguem* nesses gregos de palacio?»

Pedimos venia ao illustre collega para um ligeiro addendo.

A nomeação do sr. Narciso Santos, nas circunstancias em que teve lugar, colloca o snr. Manoel da Paz na dura alternativa destas duas proposições:—ou o extra-pyramidal juriconsulto das Institutas não tem lá a grande importancia, que apregoam os seus satellites, ou o centro, de mãos dadas com o homunculo de palacio, trafio de um modo assaz deprimente ao seu companheiro de luctas, aquelle que tanto se ha esforcado pelo triumpho sagrado do antigo solar da rua Bella.

Dariam tudo para saber qual das duas hypotheses apoderou-se do espirito do honrado sr. Paz.

S. M. O IMPERADOR.

O Paiz, da corte, publicou os seguintes telegrammas a respeito da saude do monarcha brasileiro:

«Marselha, 29 de Novembro.—O professor Charcot, convidado para emitir a sua opinião sobre a conveniencia ou inconveniencia da viagem do Imperador ao Egypto, pronunciou-se contra ella, reputando-a impossivel.

Marselha, 1º de Dezembro.—Seguindo o conselho do professor Charcot, S. Magestade renunciou à sua projectada viagem ao Egypto e aos Santos Logares.

Sua Magestade volta para Cannes, mas só seguirá para esse ponto no proximo sabbado, porque o seu medico e camaristas, que o acompanham, julgaram conveniente o repouso destes dous dias.

O Imperador, a despeito da sua energia moral, começa a manifestar symptomas de grande fraqueza e abatimento.

O seu estado não pôde agora ser considerado satisfatorio.

Marselha, 2.—O estado de saude do Imperador, que a anemia tornou muito fraco, exige descanso absoluto.

Sua Magestade voltou para Cannes.»

Passamos do Paiz da corte de 8 de dezembro:

«Em casa do sr. conselheiro Paulino José Soares de Souza reuniram-se hontem à noite os senadores e deputados da provincia do Rio de Janeiro.

Foram propostos diversos alvites e ficaram assentadas as bases para um plano de resistencia, a todo o trause, á ONDA ABOLICIONISTA.

Parece-nos que muito melhor fariam os srs. senadores e deputados escravistas, se tratassem de outra qualquer cousa mais util à sua provincia, á lavourea desta e aos interesses dos seus concidadãos.

Isio de onda «aboliconista» é bananeira que já deu cacho»

Quos ego...

Consta-nos que, sob a presidencia do filho do snr. Gomes de Castro, reunio-se hontem o centro conservador, resolvendo, entre outros assumptos, não solicitar pessoalmente dos empregados publicos votos para a eleição provincial.

Esta medida foi suggerida pelo sr. Viveiros de Castro, que terminou a sua arenga monotonica e pedantesca nos seguintes termos:

—Que votem, se quiserem. Depois resolveremos sobre os rebeldes. Que miseria!

FACTO ORIGINAL.

Diz um jornal de Coritiba:

«Os presos da cadeia da villa de S. José dos Pinhaes, como bons catholicos, em certo dia desta semana, pediram e obtiveram permissão para ir à missa e foram à igreja escoltados pelas praças do destacamento local.

Terminada a cerimonia religiosa, foi grande o pasmo dos pobres presos ao verem que lhes era livre tomar o destino que bem lhes aprobevesse, porque a escolta tinha desaparecido. Ao principio acreditaram na realisção de um milagre em seu favor, provocado pelas fervorosas preces, que acabavam de dirigir ao Creador. Viram, porem, logo desvanecida a sua illusão, porque foram encontrar os seus guardas cahidos ebríos em um armazem proximo. Avaliando então quão grave seria o comprometimento da auctoridade, que fóra tão benevolenta para com elles, se se evadissem, resolveram voltar voluntariamente para a prisão.

Fizeram ainda mais: comprehendendo quanto era inconveniente deixar os mantenedores da ordem naquelle estado, alli expostos ao escarneo dos transeuntes, carregaram os soldados para o corpo da guarda da cadeia, á qual floaram de sentinella.

O escandalo deu em resultado ser o destacamento daquella villa recolhido a esta capital e na sua falta estão os presos, á vista de todos, fazendo guarda á cadeia.»

Lê-se no Diario Mercantil, de S. Paulo:

«Tivemos ensejo de ver um modelo em madeira de um canhão raiado, que pode dar cerca de 40 tiros por minuto.

O systema completamente novo, muito engenhoso, é invenção de um laborioso

e modestissimo artista italiano, aqui residente, o sr. Masto Pietro Micharlangelo, que vai solicitar do governo privilegio para a sua invenção.»

Prisão illegal.

O nosso amigo, capitão Felicissimo Vianna, foi victima da sanha presidencial. Tive a desgraça de querer falar ao microscopico presidente, e tanto bastou para que fosse, por ordem de s. exe, arrastado á cadeia por dous soldados.

Não ficou abi tanta immoralidade. O cadete Enéas, que estava de guarda foi recolhido por 25 dias ao estado maior por não ter impedido que o capitão Felicissimo subisse as escadas de palacio.

Vae sem commetario mais este feito do presidente pygmeu.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Uma revista scientifica indica o seguinte processo como efficaz para conhecer se um vinho tinto é natural ou colorido artificialmente:

Mergulha-se no vinho suspeito uma fatia de miolo de pão e deixa-se embeber completamente, feito o que passa-se ella para um prato com agua. Se a côr do vinho for artificial, a agua tingi-se logo de vermelho roxado; se o vinho for natural, a agua não muda logo de côr; mas, pouco e pouco, toma um aspecto opalino.

PARTIDAS

Siguiram para Pernambuco, afim de matricular-se na Escola de direito, os srs. Arthur Coelho e Leondias e Sá, dois moços assaz conhecidos da nossa sociedade, pelo seu talento, applicação ao estudo e comportamento exemplar.

Ao seu embarque concorreu grande parte da população desta capital, sempre saudosa, mas satisfeita qua ndo algum do seu filhos procura no caminho das letras elevar o nome piuhyense.

Aos dois distinctos moços desejamos louros, sempre louros, na estrada larga do direito e do trabalho.

ESATDA

Esteve nesta capital o nosso particular amigo, capitão Bronzelino Fernandes de Araujo, uma das victimas do despotismo do actual centro conservador.

OUTRA

Nesta cidade esteve até hontem o nosso talento comprovinciano Antonio José da Costa, de Cauapo maior.

Prosperos ventos o levem a sua terra natal.

OS LIBERAES DE PERNAMBUCO

O partido liberal de Pernambuco está perfectamente unido. A Columna liberal do Jornal do Recife declarou terem-se entendido e accordado sobre as questões da actualidade os illustres srs. conselheiro Luiz Felipe e dr. José Mariano.

MAIS UMA VICTIMA

O nosso brioso amigo tenente Antonio Gonçalves Pereira, segundo telegramma recebido, acaba de ser transferido da guarnição desta provincia para a da Bahia.

E'mais um valente soldado do ostracismo colhido p'los golpes da politica traicoeira e ignobil do sr. Viveiros de Castro, instrumento ductil e automatico dos mandões da terra.

Não devemos, porem, esmorecer diante as perseguições, que nos forem. Nada melhor que um dia depois de outro e o dia de amanhã ha de vingar sob-ranamente os insultos de hoje.

Para o lugar do tenente Pereira vem o sr. tenente Gromwel, do Maranhão.

Esbanjamento.

Somos informados por pessoa de todo credito que o sr. Viveiros de Castro, no curto periodo de sua administração (cinco mezes) gastou no expediente da secretaria do governo a ninharia de 8:000 envelopes. Isto não entrando em linha de contas o que lhe foram deixados pelo seu antecessor e que deviam ser em grande numero, se se attender ao genio espalhafatoso e pomadista do sr. Janssem Mattos.

Postas as cifras, o economico sr. Viveiros de Castro gasta por dia nada menos de 50 e tantos envelopes para embrulhar o sr. Coelho de Resende e satisfazer ás exigencias dos seus mentores.

Já é escrever! Attendendo ao assalto feito nesta materia aos cofres depauperados do thesouro, temos resolvido mudar o cognome da administração de s. exe. D'ora em diante em vez de administração dos

bolos e das quadrilhas, diga-se—administração dos envelopes.

Assim a cousa administrativa fica melhor explicada, ou, por outra, precisa e claramente definida.

CHEGADA

Chegou a esta capital o nosso importante e prezado amigo capitão José João dos Santos, a quem cumprimentamos affectuosamente.

GAMARA MUNICIPAL

Foi eleito presidente da camaraa municipal desta cidade o nosso estimado amigo capitão José Pereira Leal e vice-presidente o snr. capitão Flaviano Bento Gonçalves.

FALLECIMENTOS

Com 19 annos de idade, depois de longos mezes de martyrio, a 31 do passado, falleceu nesta capital a Exmª Srª. D. Celina Emigdia Castello Branco, filha do capitão Miguel Borges, de saudosa memoria. Moça e formosa veio a morte arrebatá-a aos encantos da existencia, que lhe despontava risonha, trocando as galas das suas perfumadas esperanças pela esma desolação do sepulchro!

Enviamos nossos sentidos pesames á sua inconsolavel mãe e a todos os seus parentes.

O nosso peclaro e bom amigo, dr. Clodoaldo Freitas, passou antehontem por um duro golpe— a perda irreparavel de sua interessante filha Lucia, de pouco mais de um anno de idade. Acompanhamo-lo na dor que o seu coração de pae extremoso experimentou profundamente.

Em Labréa, do Amazonas, falleceu no dia 29 de novembro, o sr. capitão José Teives de Alencar, digno pae do nosso estimado amigo capitão O'Donnell Alencar, a quem sententamos por tão inesperado acontecimento.

Collegios

Já estão funcionando as aulas do Collegio de N. S. das Dores. As do Collegio Jugurthino abrir-se-hão segunda-feira, 9 do corrente.

DESCULPA

O nosso illustre amigo, capitão Selemérico de Carvalho pede-nos a publicação da seguinte:

Não me sendo possivel retribuir todas as visitas com que me honraram alguns cavalheiros, n'esta cidade, peço desculpa áquelles á quem falei com essa fineza e offereço-lhes meus fracos serviços no lugar de minha residencia.

Theresina, 3 de Janeiro de 1888.

Selemérico Newton de Carvalho.

Consortio

Em Pernambuco casou-se o nosso distincto amigo, dr. Firmino Cezar da Morada com a exmª sr. d. Maria Branca da Morada. D'aqui enviamos aos recém-casados os nossos embozas e fazemos votos sinceros para que um futuro alegre e lisonjeiro descortine-se no horizonte das suas aspirações.

Fabrica de tecidos

No dia 1º de Janeiro do corrente inaugurou-se com grande esplendor e concorrenca a fabrica de tecidos caxiense. Assistiram ao acto o exm. dr. Presidente e chefe de policia do Maranhão, os representantes do Paiz, Pacotilha e Liberal e muitas outras pessoas gradas tanto da localidade como da capital da provincia.

Urah pelo progresso da laboriosa cidade!

REGISTRO LOCAL

Partiram desta capital os srs. capitães Selemérico Newton de Carvalho, para Oeiras, alferes Galdino Evaristo da Silva Leite e sua exmª familia, com escala pela Parnahyba, para o Ceará, José Veras para a Parnahyba e Joaquim Nogueira, para o Corrente.

Voltaram a esta capital os nossos preclaros amigos dr. Pompilio de Castro e capitães Olegario Rios e Salomão Baurmann, que foram assistir, em Caxias, a inauguração da fabrica de tecidos.

Annuncios

Fabrica Vera Cruz.

Acaba este estabelecimento de receber: lindas caixas para rapé; pitai-

ras em caixas e fora d'ellas; cachimbos finos e de raiz e de porcellana; tabaco Goyano, Rio-novo, Semilla da Bahia, em pacotinhos com um espelhosinho; Scaferlati (optimo tabaco francez) do Pará e tambem do sitio do Sr. Martins Vianna.

Grande e optimo sortimento de charutos em caixas de 100, 50 e 25.

Vende-se barato, preços fixos e não se toma nota.

No mesmo estabelecimento encontra-se tinta para marcar roupa; velas stearinhas e Perfeitas Imagens de varias invocações.

Muita Attenção

Lans pretas e de cores para vestido Miriões idem. idem. Velludos lavrados pretos e de cores Cachemiras idem idem Brins brancos, pardos e de cores Morins superiores de 20 a 32 vs. Chapeos de sol, de seda Sapatos chics para senhoras Espartilhos modernos Leques de seda bordados.

Acabão de receber e vendem muito barato

Domingos Rodrigues de Azevedo & c.

Rua Grande

HOTEL DO COMMERCIO.

MEZA REDONDA:

ALMOÇO —A's 10 horas da manhã, constando de bifes, assado, arroz, chá ou café, pão ou bolos com manteiga.

JANTAR.—A's 4 horas da tarde, constando de sopa, cosido, assados, arroz e outra qualquer variedade, com sobremeza de fructas ou doces.

CÉA.—A's 8 horas da noite, chá ou café com pão e bolos com manteiga.

OBSERVAÇÕES—

Alem das refeições mencionadas, far-se-ha ajuste de quaisquer comidas, refrescos e petiscos que forem exigidos fóra das horas da meza redonda.

Recebe-se no estabelecimento hospedeas permanentes. Terão quarto mobilado e creado, com direito ás refeições da meza redonda e mais a uma chavena de café simples ás 6 horas da manhã, á tarde depois do jantar e á noite. Só se entende por hospede permanente aquelle que reside no estabelecimento por mais de 6 mezes.

Em caso de molestia, o empresario se obriga a mandar a comida nos respectivos alojamentos pelos preços ordinarios.

Prepara-se com promptidão e acceio quaisquer comidas para fóra; assim como encarrega-se de preparar banquetes e partidas d'antantes, no estabelecimento.

Ha no estabelecimento banhos de chuva mechanica, fornecendo-se toalha, sabonete e pente, tudo pela minima quantia de 100 réis!

O empresario promete esforçar-se para satisfazer as exigencias, tanto dos seus hospedes, como dos freguezes que o honrarem com a sua frequencia.

Rua Grande—Parnahiba.

Domingos Rodrigues de Azevedo & C.º acabam de receber um grande sortimento de molhados, como seião:

Queijos do reino fresquinhos, Passas em caixinhas enfeitadas, Ameixas em vidro, meios quartos, Biscoitos em latas, meias e quarto, Vinho de Lisboa superior Dito vóvo, chamisso e Maria P'a Cognac de diversas marcas Cerveja Rei de Copas Licor Chartreuse e Caração Champagne Moisseux Chá de superior qualidade Café do Baturité Assucar cristalizado

Charutos finos da Bahia de diversos preços e marcas

Que tudo promettem vender por preços baratissimos, a dinheiro.